

RENATA PALANDRI SIGOLO*

O presente artigo tem como objetivo analisar as cartas dos leitores publicadas pela revista *Planeta*, procurando perceber se há, dentre os vários temas levantados, a preocupação em debater ideias relacionada à saúde e ao bem-estar naquele fórum e de que forma isso é feito. A revista selecionada é reconhecida como um importante palco de discussões sobre assuntos não abordados pela imprensa convencional, ou seja, um espaço de encontros, divulgação e debates sobre temas relacionados à Nova Era¹ (MAGNANI,2000:22). Ao escolher os primeiros anos de *Planeta*, pretendemos compreender um contexto que é anterior à expansão das medicinas alternativas (LUZ,2003:38) e assim verificar como as inquietações sobre saúde e bem-estar estavam presentes em um público dito « alternativo » antes da década de 1980.

Conhecer minimamente o leitor que folheia as páginas de uma publicação é preocupação frequente de quem pesquisa em periódicos. A recepção de mensagens é algo bastante difícil de se perceber mas é o terreno mais apaixonante para se adentrar quando se trata da pesquisa de mídias: saber como elas « atingem vastas partes do corpo social, influenciam (ou não seus usuários, são lidas ou decodificadas (de modo aberrante ou não) (BOURDON,2004,12) No presente trabalho, o interesse gira em torno do público leitor da revista *Planeta* e como podemos compreender o universo construído e partilhado pelo grupo nas páginas do periódico.

Um dos meios de se aproximar dos leitores é através da análise das cartas que eles dirigiam à redação do periódico. Porém, é preciso estar atento às características deste tipo de fonte, seus limites e possibilidades, bem como as peculiaridades de sua produção. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar que a seleção de documentos de

* Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. A presente pesquisa realizou-se com o apoio financeiro da CAPES.

1 Nova Era é o termo usado

modo a torná-lo um conjunto é feita de forma artificial, através da escolha do pesquisador ou daquele que reuniu e publicou as fontes. Há uma distância, uma « margem opaca que separa a produção das cartas, uma à uma e o conjunto(...) destas cartas em um objeto chamado 'correspondência' »(DAUPHIN,2002:45).

No caso das cartas ao leitor, o conjunto das correspondências é reunido após escolha feita pelo editor ou por equipe designada para o fim. Para que uma carta seja selecionada, é necessário que ela atenda ao que os representantes do periódico julgam pertinente de figurar dentre seus leitores « exemplares », aqueles que terão sua voz « ouvida » pelos demais leitores. Embora os critérios, que são subjetivos, variem de acordo com a publicação, podemos supor que a carta ao leitor deva respeitar minimamente as normas discursivas do periódico. Longe de representar o conjunto de leitores, como poderíamos ingenuamente supor, elas revelam não apenas a opinião de alguns selecionados correspondentes e, sobretudo, nos revelam sobre o próprio periódico: « trabalhar sobre este material é, então, observar a representação que as redações fazem de seus leitores »(HUBÉ,2008:101).

Apesar do material apresentado na seção de correspondência proveniente de leitores de determinado periódico não nos mostrar o conjunto deste público, ele nos revela, mesmo se considerarmos os filtros, a construção de uma « agenda de preocupações » presente na sociedade e partilhada pelos leitores. Este tipo de documentação nos permite pensar nos leitores não em sua soma total, mas nos permite perceber as questões partilhadas entre eles e o periódico lido:

As revistas não se dirigem somente aos leitores como entidade neutralizada desprovida de ancoragem social. Por suas escolhas de assunto, pela linguagem utilizada, eles são 'solidários de todos um estilo de vida', de toda uma 'relação com o mundo' (HUBÉ,2008:102).

Diante destas ressalvas, é necessário definir as cartas do leitor bem como esclarecer quais os pontos a serem observados quando se procede à sua interpretação. Segundo Andrade,

(...)a carta é utilizada em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe editorial do jornal ou da revista) visando a atender vários propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É um gênero de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo e possibilitando a sua leitura ao público em geral. (ANDRADE,2008:145)

É um gênero de discurso que pressupõe uma certa ideia de liberdade e abertura de participação, um « simulacro de participação democrática » (TROUCHE, 2010: 694)

, mesmo que saibamos que a missiva enviada pelo leitor será selecionada ou mesmo reescrita pela equipe ou jornalista que se dedica a esta função. Ao analisarmos este tipo de documento podemos mapear o grupo de leitores « escolhidos » pelo periódico, procurando descobrir-lhes o gênero, idade, status social, local de origem. Sobretudo, podemos localizar e compreender quais são as « agendas de preocupações »(HUBÉ,2008:112) apresentadas pelo leitor e perceber suas conexões com outras agendas sociais.

Para entender tal programa de temas abordados pelos leitores, precisamos adentrar no universo do periódico pesquisado, no caso presente, a revista *Planeta*. A revista foi criada pela Editora Três após a compra dos direitos de *Planète*, revista francesa fundada pelo químico e escritor Jacques Bergier e pelo jornalista Louis Pauwels em 1961. O periódico foi o órgão de difusão do “realismo fantástico”, movimento cultural de múltiplas expressões, criado sob influência do surrealismo e sua tônica – unir arte e ciência - era embasada pela noção de “fantástico” como manifestação de leis naturais. A proposta visava uma transformação no modo de ver a realidade, buscando um contato “direto” que ultrapassasse os filtros sociais que, segundo os autores, impediriam a abordagem de temas tabus para os paradigmas científicos em voga (GUTIEREZ,1997-1998:11).

No Brasil, “Planeta” tem como responsáveis Luís Carta e Ignácio de Loyola Brandão, que conheceu Pauwels em Paris, em um momento de transformação de *Planète*: após sobrevirem os acontecimentos de Maio de 68, a equipe editorial se divide quanto à análise das manifestações. Para Pauwels, Maio de 68 concretizava a alma dos objetivos do “realismo fantástico” enquanto Bergier não levava a sério o movimento. Este último deixa a revista que passa então a ser denominada *Nouveau Planète*, sem a mesma expressão e sucesso da sua antecessora. O escritor brasileiro descreve sua impressão da revista francesa, após o encontro com Pawels em 1972: “curiosamente, a revista morreu na França e renasceu aqui, vivendo muito mais do que no lugar de origem, que era considerado um país do espírito, da luz”(AFONSO,2002).Apesar de ter um contrato com *Planète* e dela publicar material traduzido, a revista brasileira possuía uma equipe que tratava de temas nacionais. A preocupação em ser um espaço onde os brasileiros se reconhecessem e não apenas a filial de uma revista estrangeira fica clara no primeiro número de *Planeta*: sua capa estampa a foto de uma componente do Grupo

Folclórico Malungo, chamando a atenção do leitor para a matéria de capa: “Candomblé, umbanda e macumba no Brasil”(PLANETA,1972)

Os objetivos de *Planeta* correspondiam aos anseios iniciais de “Planète”, ao menos em seus anos iniciais de vida: aliar arte e ciência, investigar assuntos marginalizados em busca de seus significados, através da observação e pesquisa “sem preconceito”. Na apresentação do primeiro número, os editores esclareciam:

Planeta defende o espírito de tolerância e de liberdade em todos os domínios do conhecimento contemporâneo. No exame dos aspectos essenciais, escondidos ou visíveis da aventura humana de nossos dias, ela propõe ao leitor exercer uma curiosidade sem limites ou preconceitos. Quer se trate de idéias, de artes, ciências humanas ou religiões ela não se permite críticas negativas, procurando, isto sim, o que une os homens e não o que os divide. Planeta é a versão brasileira da famosa revista Planète, fundada na França, em 1960, por Louis Pauwels e Jacques Bergier e que já tem edições na Itália, Alemanha, Espanha, Argentina e Holanda. Planeta é a revista que nos ajuda a entender, e que usa uma linguagem acessível a todos, e não exclui, na sua busca da compreensão de nossos tempos e de nossas vidas, os valores do sonho, da fantasia e da imaginação.(PLANETA,1972:3)

O discurso dos editores é claro quanto aos interesses e amplitude da revista: tratava-se de considerar a existência de conhecimentos ainda não relevados, permitindo a aliança entre a investigação (um dos atributos caros à ciência) e fantasia, dando um espaço de valorização à imaginação . Ao apresentar *Planeta* como pertencente a uma “rede” de periódicos internacionais tendo como matriz *Planète*, ressalta que a busca pelos temas abordados e a forma com que isso é feito revela um interesse amplo, não local ou restrito a “curiosidades individuais”. Por fim, o alerta de que a revista “não se permite a críticas negativas” demonstra a expectativa de que isso ocorresse, diante dos assuntos inusitados propostos.

A presença do insólito ou a busca por um novo olhar sobre assuntos antes explorados podem ser observadas pela seleção de textos publicados na edição de estréia de *Planeta*. Ao lado de matérias traduzidas como “Há inteligências extraterrenas?” de Pauwels e Bergier e “Espionagem industrial”, deste último, temos o citado texto sobre cultos afro-brasileiros, artigos de investigação do mundo natural, como “Os mistérios do fogo” e “O amor da natureza” e sobre psicologia e condição feminina, em “Freud esqueceu a mulher” e temas considerados mais “marginais”, em “Iniciação à ficção

científica”, “Como vamos viver em 1984” e “Decifrando símbolos”.

A revista, generosa em ilustrações, várias de inspiração surrealista, trazia seções de cartas, notícias e “fatos malditos”. Nesta última, o convite:

Esta seção vai contar, todos os meses, fatos estranhos, sobrenaturais, coincidências espantosas, pequenas aventuras que a lógica e o raciocínio humano não conseguem explicar suficientemente. Se você viveu algum ‘caso maldito’, ouviu falar de um, conhece alguém que esteve envolvido num fato além da imaginação, escreva para PLANETA. (PLANETA,1972:7)

Os temas abordados por *Planeta* em seu primeiro número esclarecem a afirmação de Brandão de que, ao surgir, a revista foi um “espanto”. Quando questionado sobre a reação das pessoas que descobriam que ele, ex-funcionário do jornal de centro-esquerda *Última Hora*, era redator-chefe de “Planeta”, relata: “Era uma coisa muito complicada, tanto que eu era ironizado: ‘Loyola, você é um escritor sério e está metido nessa?’ Até que pegou, a revista enfrentou muito preconceito”.(AFONSO,2002)

Apesar do estranhamento que sofreu, o redator-chefe mostra segurança quanto aos objetivos e a importância da revista:

(...) ela era de abertura para mundos desconhecidos e, até então, massacrados. Lembre-se que fizemos isso num tempo de censura, e que às vezes a revista incomodava as pessoas: ‘mas por que estão falando disso? Qual o sentido político de falar do faraó?’ Porque eles buscavam pêlo em ovo. No fundo, eu acho que PLANETA teve um sentido também libertário no começo. »(AFONSO,2002)

O contexto mencionado por Loyola Brandão quando da criação de *Planeta* é o da ditadura militar brasileira. Em 1974, Geisel assume a presidência do país com a proposta de efetuar uma transição controlada rumo à democracia e apoiar a luta da sociedade brasileira pelo restabelecimento das instituições democráticas. Este processo não foi linear nem estável, uma vez que a repressão se fazia sentir como forma de resistência das forças de extrema direita. Dentre as transformações no cenário brasileiro, destaca-se a mudança do perfil da sociedade que, entre 1950 e 1970, passou de predominantemente rural para urbana. Tal transformação, ocorrida de forma acelerada, acarretou vários impasses sociais, presentes no universo editorial do contexto.

Estas características se refletiram no mercado editorial que, em 1972, registrava um livro por habitante/ano. Diversos fatores contribuíram para este crescimento: a queda na taxa de analfabetismo,(de 39% para 29% entre 1970 e 1980), o aumento de

universitários(100 mil em 1970 para 1 milhão em 1980), além da melhoria na produção e comercialização de livros e da segmentação do mercado, atraídos por diferentes públicos-leitores.(COSSON,2007:31)

Porém, com a censura exercida de modo mais intenso após o AI-5, a imprensa brasileira precisou usar criatividade para sobreviver. Foi grande o número de periódicos alternativos que possuíam como tônica a oposição ao regime militar: entre 1964 e 1980, 160 foram criados e apenas 25 não tiveram vida efêmera. (MUNTEAL; GRANDI,2005:138) Dentre estes, destacava-se “O Pasquim”, criado em 1969 e que chegou a atingir uma tiragem de 225 mil exemplares até 1970, quando a censura provocou a prisão de muitos redatores e a queda nas vendas.

Em 1968, é lançada a revista *Veja* pela Editora Abril que, na década de 70 não conseguiu ter uma tiragem expressiva: eram sinais de uma crise vivida pelas empresas de comunicação que se viam impulsionadas a negociar com o governo ou com setores a ele relacionados. O contexto de relações entre o poder e a imprensa, mesmo aquela desejosa de manter sua independência editorial, não era de contestação exercida de forma homogênea, mas se caracterizava por um emaranhado de acertos e negociações.(ALMEIDA;WEISS,1998:352)

Dois anos antes de *Veja*, a Editora Abril já havia lançado a revista *Realidade*, a fim de expandir seu público antes segmentado pelas revistas *Cláudia* e *Quatro Rodas*. A proposta de abordar os problemas brasileiros, como o crescimento das taxas de natalidade e as mudanças de comportamento, foi bem recebida pelos leitores: a tiragem de *Realidade*, que tinha periodicidade mensal, chegou a 505 mil exemplares em seu número 11. Em setembro de 1969, a última tiragem registrada foi de 385 mil exemplares, anunciando a crise do periódico que daria espaço para o posterior lançamento de *Veja*. (MORAES,2007:59-63)

Inserida neste mercado editorial, o primeiro número de *Planeta* teve a tiragem de 70.000 exemplares, com a venda de 64.585, sem incluir a distribuição em Portugal. Em janeiro de 1973, o número 5 tem 120.000 exemplares publicados, apontando para a consolidação de um público leitor da revista em seu primeiro ano. Com seu preço inicial a Cr\$ 5,00 e periodicidade mensal, não pode ser considerada de difícil acesso se compararmos as revistas *Manchete*, da Bloch Editora e *Veja*, ambas revistas semanais que circulavam em 1972 a Cr\$4,00(PLANETA,1973:3).

Conhecemos aspectos importantes do contexto de surgimento da edição brasileira de *Planète*. Entretanto, há uma questão importante a ser colocada: podemos traçar um perfil de seus leitores? O que eles podem nos dizer sobre sua « agenda de preocupações » principalmente no que diz respeito ao interesse sobre saúde e bem-estar? E o que isso nos fala sobre o contexto social dos anos 70 no Brasil? Brandão, que possuía contato direto com o público recebendo-os na redação, fala sobre os leitores da revista:

apareciam desde os chatos, até os que se comunicavam com os mortos, com os extraterrestres, os que viam disco voador, os que visitaram civilizações já desaparecidas, como a Atlântida, os que sabiam falar sumério. Apareceram exorcistas aos montes, desde padres até leigos, e um grande número de pessoas com casas mal-assombradas. E, no meio disso, tinha gente séria(AFONSO,2002).

Torna-se evidente que “Planeta tinha um público diferenciado, com interesse em “determinado tipo de conhecimento, que não era o usual” e que, possivelmente, era colecionada por muitos de seus leitores, levando-se em consideração as observações de Loyola Brandão, de leitores e o próprio designer da revista, que tinha esse propósito. O formato de *revue de bibliothèque* pode sugerir que grande parte de leitores de *Planeta* a utilizavam em suas pesquisas sobre os temas veiculados pelo periódico e possivelmente formavam um grupo razoavelmente intelectualizado.

O primeiro número da revista traz cartas de Jorge Amado, Francisco Luis de Almeida Sales, Fernanda Montenegro, Caio Graco, Paulo Gaudencio e Luis Ernesto V. Gadelha, todas parabenizando a revista e seus temas « inusitados », algumas fazendo referência à *Planète*. Podemos perceber que elas compõem um « argumento comercial »(HUBÉ,2008:101), ou seja, uma forma de propaganda de si mesmo, proporcionada não só pelo conteúdo da correspondência mas, principalmente, pelo status social de seu remetente.É a partir do segundo número de *Planeta* que podemos perceber as questões que movimentavam o conjunto de leitores merecedor da publicidade da revista.

Muitos leitores enviam correspondências no sentido de parabenizar *Planeta* e declarar seu apoio à publicação: alguns demonstram conhecer a existência da revista em outras línguas e reconhecem sua importância como fórum de debate esotérico, como afirma Almir da Silva Queiroz, de São Paulo: « Sendo *Planeta* o único vínculo que, no

momento, serve inúmeros leitores e pesquisadores ou até mesmo estudiosos, sobre vários assuntos, desejo agradecer também os inúmeros favores que vem prestando a todos nós (...) »(PLANETA,n.43,1976:5) ou Manoel Joaquim Goulart Valadares, de Cataguases, Minas Gerais:

Planeta transforma

Devo adiantar ainda, que a leitura de *Planeta* causou-me profundas transformações; aprimorou-me o conhecimento de muitas coisas pois até então não tinha um determinado livro (como *Planeta*) para explorar e divulgar as origens e passagens destas coisas, e também dos personagens como Roso de Luna, Papus, H.P. Blavatsky e outros. Estas transformações que me ocorreram causaram-me um agradável bem-estar espiritual; sinto também, para meu agrado, que minha mente se libertou de certos condicionamentos, de certos sistemas, proporcionando-me sentir, também, que tenho explorado mais a visão da mente do que a dos olhos, o que me possibilita errar menos e ver mais.(PLANETA,n.36,1975:8)

O morador de Cataguases revela ter encontrado em *Planeta* uma fonte de bem-estar espiritual e sua voz não é a única a conectar bem-estar e espiritualidade. A ideia de que o conforto individual depende da possibilidade de vivenciar a espiritualidade é bastante presente nos movimentos de contracultura e em sua herdeira, a Nova Era. Embora a « mãe francesa » de *Planeta* não vista claramente a indumentária da contracultura ela sempre defendeu, principalmente por influência de Pauwels, muitos pontos da pauta contracultural. Dentre eles, estava presente um claro questionamento aos valores da Igreja Católica e a busca por referências espirituais em outras fontes, como as filosofias orientais ou os « cultos pagãos ».

Podemos encontrar várias situações, nas cartas dirigidas à *Planeta*, que revelam o interesse dos leitores em achar interlocutores para suas pesquisas no universo esotérico, pedidos de bibliografia sobre temas específicos ou o desejo em entrar em contato com as mais diferentes instituições espiritualistas. É o caso de Humberto M. Sacramento, da Universidade Federal de Viçosa:

Confrarias Espiritualistas

Necessitando entrar em contato com confrarias espiritualistas, gostaria que me fossem fornecidos os endereços das seguintes entidades:

Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento; Sociedade Teosófica; Ordem Cabalística da Rosa Cruz; Ordem do Graal na Terra; Ordem Rosacruz

Anticqua; qualquer entidade ou ordem que, em nosso país, se dedique ao estudo da antroposofia.

Humberto M. Sacramento

Universidade Federal de Viçosa

ap.514, Viçosa MG 36570 (PLANETA,n.55,1977:85)

O desenvolvimento da espiritualidade como via de bem-estar promoveu o questionamento não só ao cristianismo católico mas tudo o que reduzisse a vida humana ao plano material. A objeção ao racionalismo cartesiano e o materialismo, juntamente com a abertura a outros tipos de pensamento, facilitou a busca, inserção social e desenvolvimento das formas de cultivar a saúde e curar com cunho mais vitalista, como é o caso da maior parte das então denominadas medicinas alternativas.

Durante sua existência (1962-1968) em especial até 1965, *Planète* teve como característica principal certo otimismo diante da tecnologia com grande influência da ficção científica. Em sua segunda etapa, *Planète* passa a ter um discurso menos entusiástico sobre o progresso e há grande temor que a tecnologia sufoque o homem: é quando surge um discurso mais perceptivelmente « ecológico »(CORNUT,2006:138).

Planeta vai dar voz tanto aos artigos de fundo espiritualista quanto ecológicos, mas é evidente que não com o mesmo compasso cronológico. Nos dois primeiros anos de circulação, aproximadamente, *Planeta* divulgou vários artigos traduzidos da revista francesa. Aos poucos, ela foi se libertando de *Planète*, aderindo a artigos de *Nouveau Planète* e inserindo textos de autoria própria. Mesmo os textos que não eram traduzidos do francês têm uma tônica crescente na espiritualidade e na valorização da natureza: neles, há cores nacionais, como nos artigos sobre o candomblé ou a participação brasileira no Congresso de Bruxaria em Bogotá.

Em janeiro de 1974,*Planeta* publica seu número 17, cuja capa convida: « Ecologia:como salvar a Terra ».A revista demonstra a preocupação crescente com a destruição do meio ambiente e seu editorial analisa as proporções catastróficas tomadas pelo discurso ecológico da época:

Planeta vê nesta contingência, à qual os pessimistas dão cores catastróficas e, pior ainda, entonações políticas, uma confirmação das teses que preza e defende. O materialismo galopante das últimas décadas faz pensar que os valores mais essenciais da alma e do espírito humano estão sendo esquecidos.

Hoje, a crise que vivemos põe em nova perspectiva a filosofia que adotamos: a

busca da compreensão de nossa época, o respeito aos valores espirituais, não excluindo na busca da verdade nem mesmo a imaginação, o sonho e a fantasia. (PLANETA,n.17,1974:1)

Com estas palavras a revista inaugura a nova seção de Ecologia e podemos perceber a forma como este tema é aliado à espiritualidade e ao combate ao materialismo e ao consumismo que, segundo sua análise, lhe é decorrente. A iniciativa foi muito bem acolhida, pois no número de julho de 1974 é publicada uma seção especial de cartas intitulada « A natureza devastada ». O redator esclarece que o tema proporcionou um afluxo muito maior de correspondências no sentido de contribuir para o debate sobre o tema. Ele teve a iniciativa de escolher uma « parte mínima » da colaboração dos leitores, no intuito de catalizar o debate: « São cartas que mostram a visão e a lucidez de um grande número de homens, preocupados com o meio que nos cerca e as conseqüências de sua depredação sistemática .» (PLANETA,n.23, 1974:6)

Na seção podemos acompanhar o depoimento de Marília Q. dos Reis de Embu(SP), que comemora a iniciativa da revista:

É de uma importância enorme que sempre se publique algo que faça brotar no povo a conscientização daquilo que se tem feito há séculos, isto é, a predação descontrolada, visando apenas a parte econômica sem se preocupar com o que é de vital importância ou seja: a Ecologia .(PLANETA,n.23, 1974:6)

Ou o anúncio de uma frente de batalha contra os danos à natureza, divulgado por Ana Maria Portelo, de São Paulo:

Os jovens de Taubaté reunidos em torno do Interact Club Bandeirante lutam por um mesmo ideal contra os responsáveis pelos danos causados às matas da serra do Mar, bem como os programas de reflorestamento e tudo o mais que diz respeito às danificações provocadas pelo irrefreável progresso tecnológico .(PLANETA,n.23, 1974:6)

As vozes que *Planeta* escolheu para se fazer representar junto aos leitores vinculam a noção de destruição proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico que visa interesses econômicos. A revista coleta também depoimentos que vêem o futuro do planeta ameaçado pelo materialismo, retratado como o antônimo do mundo natural:

O materialismo que vem dominando a humanidade ultimamente é o grande culpado pelo desequilíbrio catastrófico que hoje existe entre homem e natureza. Afastando-se da natureza e se dedicando unilateralmente ao progresso material como vem fazendo, o homem só terá que colher os amargos frutos desta decisão. (PLANETA,n.23, 1974:7)

O progresso material é o vilão da prosperidade espiritual e de um mundo saudável. O leitor Roberto Tamara, do Rio de Janeiro, envia à redação uma extensa carta com a transcrição de um discurso do então presidente do Zaire e apresenta sua tese: « o subdesenvolvimento tem as suas vantagens »(PLANETA,n.23, 1974:8-9).Dentre os vários elementos produzidos por uma sociedade industrializada, o texto cita alguns efeitos colaterais com efeito direto sobre a saúde do ser humano, como por exemplo a surdez provocada pelos ruídos de uma grande cidade, os gases tóxicos que invadem os pulmões dos vizinhos das usinas. Alguns números mais tarde,comentando o projeto de se construir um aeroporto em Cotia, a leitora Lucila Pinto de Moura, de São Paulo, confirma os temores da devastação ambiental como elemento iatrogênico:

Por que não se pensa, acima de tudo, na proteção do meio ambiente? Será que não existe um sentimento de humanidade que leve ao pensamento de que a fauna daquela reserva ficará desorientada ao ver o seu *habitat* invadido? Que não resistirá ao barulho e à poluição causada pelos aviões? Destruir uma reserva natural é um risco sério. Em nossa época, quando uma área verde está ameaçada de ser devastada é fato mais do que lógico que também a população corre perigo, visto que um novo tipo de doença poderá surgir, donde se conclui que é melhor prevenir do que remediar(...).(PLANETA,n.37,1975:5)

Ao lado da atribuição rousseauiana do meio como causador de malefícios ao indivíduo, a leitora levanta a suspeita de que alterar o meio ambiente através da intervenção na natureza pode causar « doenças novas ». Aqui prevalece a ideia de desequilíbrio causador de doenças, noção importante entre as medicinas alternativas. Esta « visão alternativa » inclui a noção de que a natureza pode reagir « vingativamente » caso o ser humano insista em seu divórcio com o meio natural, através de doenças novas ou inexplicáveis.

Vale notar que o conceito de equilíbrio, reproduzido individualmente pelas medicinas vitalistas, inclui a harmonia entre o ser humano, fauna e flora, lembrando tanto as medicinas orientais (PORTER,2002:106) como a medicina hipocrática humoral (PORTER, 2004:44). Conquistar ou manter esta estabilidade requer, segundo alguns leitores de *Planeta*, abrir mão de algumas facilidades oferecidas pelo desenvolvimento tecnológico em benefício não só de um indivíduo mas de um mundo saudável. Para tanto, seria necessário basear o bem-estar em outros parâmetros: « Não cremos que a paz e a felicidade dependam do número de carros na garagem, das antenas de televisão no telhado ou do volume de barulhos no ouvido, que os técnicos argutos denominam de

'ainda suportável' .»(PLANETA,n.23, 1974: 9).

Construir um estilo de vida pautado no equilíbrio entre homem e natureza, no cultivo da espiritualidade e no exercício de outras formas de convivência significava, em alguns casos, se afastar da sociedade causadora da perturbação no bem-estar. Fundar uma comunidade alternativa foi uma solução encontrada desde os anos 60 nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, o movimento comunitário iniciou-se na década de 1970 (TAVARES,1985:71). Um leitor da *Planeta* anunciava, em 1975, a criação da « Comunidade Brilho Solar »:

Comunidade Solar

Somos uma comunidade rural constituída de oito adultos e sete crianças, voltados para a tentativa de se criar condições alternativas de vida, e atualmente buscando entrar em contato com outras comunidades neste país- ou com pessoas interessadas na nova visão utópica. Nosso endereço: Comunidade Alternativa Brilho Solar, Agência da ECT, Goiandira, 76697,GO.(PLANETA, n.37,1975:1)

É perceptível uma dupla inquietação: a de se « retirar » do meio opressor mas, ao mesmo tempo, continuar nesta mesma sociedade a fim de contactar pessoas que compartilhem dos mesmos anseios e convidá-las a fazer parte desta « retirada ». Diferentes tiposa da comunidades alternativas se formaram, com características diversas, mas tendo em comum a rejeição da sociedade como um ambiente viável para se viver e a construção de novas sociabilidades a partir de um estilo de vida alternativo (NOGUEIRA,2001:161). A seção Cartas de *Planeta* foi um meio pelo qual os empreendimentos alternativos se anunciavam, expressavam seus objetivos e tentavam conquistar adeptos:

Cooperativa Espiritualista

Um leitor pede aos que se interessarem pelos propósitos abaixo, que se comuniquem com ele. Adquirir terras no Brasil Central onde será fundada uma Cooperativa Espiritualista para desenvolver trabalhos agrícolas, preparar núcleos de pesquisas com biblioteca eclética, recuperar toxicômanos, conscientizar os governos e as populações das iminentes catástrofes que abalarão o mundo e preparar os homens para enfrentarem qs situações técnica e moralmente.

Termina dizendo que « o Brasil não é o abrigo final dos homens do futuro mas um país-trampolim onde as pessoas serão preparadas para constituírem uma nova raça, num novo continente que surgirá. Os brasileiros que reconhecerem a

importância deste fato, deverão dar sua contribuição para que o Brasil se torne um alicerce firme para o salto a ser dado. »

Carlos Alberto Pereira de Conde

Trav.Dr. Renato Granadeiro Guimarães,108

Taubaté 12100 SP (PLANETA,n.55,1977:85)

A carta de Carlo Alberto, comentada e muito provavelmente subtraída em algumas partes, foi publicada em outro espaço de *Planeta*: a partir de novembro de 1976, a seção Cartas é substituída pelo Clube da Comunicação, localizado no final da revista e pela seção Notícias de Planeta que se localizava no início do periódico onde antes havia as Cartas e divulgava a correspondência de instituições que desejassem tornar públicos seus eventos.

É interessante perceber que as cartas que participavam a criação de comunidades alternativas revelam características importantes presentes na revista *Planète*, *Planeta* e nos contextos « alternativos » por elas vivenciados: a idealização de um passado utópico, representado por um « retorno à natureza » através da constituição de comunidades urbanas e o vivenciamento de novas formas de sociabilidade, ao mesmo tempo em que o presente se revela como um tempo de crise e de potencial transformação. No futuro está a perspectiva de fundação de uma « nova raça » ou uma « nova era » e podemos pensar que neste desejo está embutido a intenção de se vivenciar a saúde através de outros parâmetros. A carta de Carlos Alberto cita de forma direta a intenção de se promover, na Cooperativa Espiritualista, a cura de toxicômanos mas podemos deduzir que o objetivo das comunidades rurais em viver em meio à natureza também oferece espaço para cuidar da saúde e do bem-estar de forma a integrar ser-humano e meio ambiente.

São poucas as cartas publicadas por *Planeta* que se referem diretamente às medicinas alternativas, o que não significa que não houvesse interesse por parte dos leitores no assunto; ao contrário, os artigos publicados nos fazem deduzir que havia público interessado nas « medicinas diferentes ». Geralmente, as correspondências que versavam sobre o tema mais diretamente pediam informações mais detalhadas sobre uma terapia ou sistema médico alternativo e eram recebidas números após a publicação de um artigo determinado. Assim, o leitor Rubens Marques de Belém do Pará pede maiores informações sobre a talassoterapia e Paulo A.O.de Moraes, do Departamento de Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá, escreve: « Estou

interessado em manter correspondência com as pessoas ligadas à naturopatia (medicina que utiliza os agentes naturais »(PLANETA,n.55,1977:85).

Após 1977 e de forma crescente ao longo dos anos 1980, a procura por informações sobre as « medicinas alternativas » cresce sensivelmente. Mas como podemos delimitar este termo? Apesar do termo « medicina alternativa » ter sido criado em 1962 pela OMS para definir uma « prática tecnologicamente despojada de medicina, aliada a um conjunto de saberes médicos tradicionais »(LUZ,2003:37-38) e sua promoção estar aliada à tentativa de solucionar os problemas de saúde da população mundial desprovida de atenção médica, a ideia de construção de seu plural, as medicinas alternativas, toma outra proporção.

Analisando o viés institucional, podemos acompanhar certa mobilização que seguiu à declaração da OMS em 1978, na Conferência de Alma-Ata, recomendando o uso de práticas médicas alternativas não institucionalizadas, como a medicina tradicional e popular, nos sistemas nacionais de saúde. No Brasil, o Relatório Final da VIII Conferência Nacional de Saúde, em 1986,apresenta oficialmente, pela primeira vez, a proposta de introdução de práticas alternativas no universo dos serviços públicos de assistência à saúde. (QUEIROZ, 2003:115-116).

Em conjunto com o desejo dos órgãos governamentais em oferecer uma medicina mais acessível economicamente, detectamos um outro movimento, que não se encontra separado do primeiro mas que possui seus próprios contornos. Este pode ser acompanhado através das vozes de alguns leitores de *Planeta* que elencam, em sua « agenda de preocupações », noções de bem-estar e saúde que se aproximam das reivindicações contraculturais, partilhadas pelo movimento Nova Era.

Acompanhamos a formação de um « circuito » (MAGNANI,1999:72) ou teia de sociabilidades, compostas por pessoas cujo extrato social é de difícil determinação, uma vez que a característica deste movimento é a fluidez e a ausência de autodefinição.

Nos anos 1980, este « grupo » possui contornos mais definidos e são localizados como pertencentes a grupos intelectualizados ou uma « classe média » brasileira. Para além de uma caracterização econômica,estes indivíduos possuem, como característica principal, a insatisfação com o que lhes é oferecido pelo sistema e a busca, de forma reflexiva, por alternativas que valorizam a vivência da espiritualidade, construindo um estilo de vida que envolve « ética, estética e mística de vida. » (D'ANDREA,2000:11).

No âmbito da saúde, ainda nas décadas de 1980/1990 (MAGNANI,1999:39-55), são indivíduos que partilham a busca por noções de saúde vitalistas e « holistas » e que buscam prevenir e curar distúrbios através de um estilo de vida que os aproxima do que julgam ser a « fonte da saúde », ou seja, a natureza, tomada em diferentes dimensões. Se recuarmos uma década, podemos detectar a existência desta inquietação no discurso dos leitores de *Planeta* e notamos a construção de uma rede de grupos e indivíduos interessados em compartilhar uma maneira de conceber a saúde e o bem-estar que se baseava em parâmetros diferentes dos mais comumente disseminados.

O ano final de nossa pesquisa é 1977, pois corresponde à uma série de modificações na revista, que atingem desde a equipe editorial até seu formato. Um ano antes, algumas mudanças já se faziam sentir, como a transformação da seção Cartas em « Clube da Comunicação » e « Notícias de *Planeta* ». Em dezembro de 1976, mais uma seção, « colada ao « Clube da Comunicação » é constituída: « O leitor debate » que em março de 1977 se transforma em « O Leitor pergunta ».

Segundo a revista ela surge para responder a questões sobre os temas tratados pela revista, enviados por carta. As respostas serão fornecidas por especialistas em cada setor.

Por outro lado, queremos intensificar a correspondência com os leitores. Comentários, sugestões, informações e críticas são sempre bem-vindos. (PLANETA, n.54, 1977:4)

Com estas transformações, o público passa a ter mais espaço na revista e procura estabelecer contatos (inclusive na busca de relacionamentos amorosos) com indivíduos que partilhavam o mesmo estilo de vida. A grande transformação ocorre em julho de 1977. É o primeiro número em grande formato e na direção da equipe Ignacio de Loyola Brandão é substituído por Luis Pellegrini. A primeira página estampa o editorial « *Planeta* na Era da Integração » esclarecendo que o formato havia sido modificado para fins mercadológicos e que a revista não pretendia abandonar seus princípios iniciais inspirados por *Planète* mas ampliá-los (PLANETA, n.5, 1977: 5). Nesta mesma página, o periódico anuncia que mantém correspondência com a revista *Question De*, dirigida por Louis Pauwels após o fim de *Nouveau Planète* em 1972: assim como sua matriz francesa, *Planeta* partia para gravitar em novas órbitas.

Bibliografia

D'ANDREA, Anthony A. F. **O Self perfeito e a Nova Era**. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais. São Paulo: Loyola,2000.

AFONSO, Fátima. O Marco Zero de Planeta.Istoé,2002. Disponível em:<http://www.terra.com.br/planetanaweb/352/materias/352_entrevista.htm>. Acesso em: 07 de dezembro 2007.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de ; WEIS,Luiz. Carro-zero e Pau-de-Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia das Letras,1998.

ANDRADE,Maria Lúcia da Cunha Victório de . Cartas do leitor: interatividade na correspondência publicada em jornais. **Revista da ANPOLL**, v. 25, p. 137-165, 2008.pp. 139-165.

BOURDON,Jérôme.La triple invention : comment faire l'histoire du public ? **Le Temps des Médias**,n° 3, 2004/2.pp12-25.

CORNUT, Clotilde. **La revue Planète**. Une exploration insolite de l'espérance humaine dans les années soixante.Paris: L'Œil du Sphinx, 2006.

COSSON, Rildo .**Fronteiras contaminadas**.Literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília:UNB,2007.

DAUPHIN, Cécile. Les correspondances comme objet historique: un travail sur les limites. **Sociétés & Représentations**, n° 13, Avril 2002.pp. 43-50.

GUTIEREZ, Grégory. **Le discours du réalisme fantastique: la revue Planète**. Université Sorbonne-Paris IV. UFR de Langue Française. Maîtrise de Lettres Modernes Spécialisées. 1997, 1998.

HUBÉ, Nicolas. Le courrier des lecteurs. Une parole journalistique profane? **Mots. Les langages du politique** [en ligne], 87 | 2008.pp.99-112. Mis en ligne le 21 juillet 2010. URL : <http://mots.revues.org/index12572.html>

LUZ, Madel Terezinha. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec,2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica urbe**. Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole.São Paulo: Nobel,1999.

_____. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2000.

MORAES, Letícia Nunes de. **Leituras da revista Realidade** (1966-1968). São Paulo: Alameda,2007.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil**.Rio de Janeiro:PUC/Desiderata,2005.

NOGUEIRA, Aico Sipriano. Comunidades da nova era no Planalto Central - utopia, ideologia e reafirmação da ordem. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 13(1): 159-184, maio de 2001.

PORTER, Roy (org.) **Medicina: a história da cura**. Lisboa: Centralivros, 2002.

_____. **Das tripas coração: uma breve história da Medicina.** Rio de Janeiro/ São Paulo, 2004.

TAVARES, Carlos A.P. **O que são Comunidades Alternativas.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. Cartas do Leitor: a construção do ethos como espelho da cidadania. **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, Nº 2, 2010, t. 1. pp 292-704.

Revista Planeta

EDITORIAL. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.1, p.3. set. 1972.

FATOS MALDITOS. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.1, p.7. set. 1972.

PLANETA, São Paulo: Editora Três, n.5, p.3. jan. 1973.

EDITORIAL. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.17, p.1. jan. 1974.

A NATUREZA devastada. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.17, p.6-9. jan. 1974.

CARTAS. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.36, p.8. set. 1975.

CARTAS, *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.37, p.1. out. 1975.

CARTAS. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.43, p.5. abr. 1976.

A REVISTA evoluiu. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.54, p.4. mar. 1977.

CLUBE DA COMUNICAÇÃO. *Planeta*, São Paulo: Editora Três, n.55, p.85-86. abr. 1977.